

# PROGRAMAÇÃO

**IV Narrativas Interculturais, Decoloniais e Antirracistas em Educação: por equidade, justiça e bem-viver**

Período de realização: 05 a 08 de dezembro de 2024

Local de realização: Universidade de Brasília - Faculdade de Educação e Centro de Excelência em Turismo

IV NARRATIVAS  
INTERCULTURAIS,  
**D E C O L O N I A L I S**  
E ANTIRACISTAS EM EDUCAÇÃO  
POR EQUIDADE, JUSTIÇA  
E BEM VIVER

## 5 DE DEZEMBRO

### 8h CREDENCIAMENTO

Seguirá aberto ao longo do evento

### 8h30 Mística de abertura

Ancestralidades e espiritualidades afroindígenas

### 9h Mesa de abertura

### 9h30 Sessão Narrativas em Diálogo 1: Avanços e desafios da educação para a equidade racial no Brasil: políticas públicas e participação social

Alexsandro Santos

Diretoria de Políticas e Diretrizes da Educação Integral Básica da Secretaria da Educação Básica - MEC

Elayne Passos

Assessoria de Participação Social e Diversidade - MEC

Rozana Naves Reigota

Reitora da Universidade de Brasília - UnB

Gina Albuquerque

Gecria-UnB | Projeto Mulheres Inspiradoras

Facilitação: Profa. Dra. Catarina de Almeida Santos

Faculdade de Educação-UnB

### 11h30 Território Cultural Nego Bispo: espaço pedagógico-formativo em arte

Homenagem: Vivas, Vivas Nego Bispo!

### 12h30 ALMOÇO



## 14h30 Sessão Narrativas em diálogo 2: Decolonizar a universidade, a ciência e o conhecimento

Mariana Solórzano Cruz

[Universidad Autónoma Comunal de Oaxaca, México]

Emília Flores

[Cooperativa de Artesãs Chiwik, México]

Mina Kleiche-Dray

[Cepde | IRD | Université Paris Cité, França]

Facilitação: Ana Tereza Reis da Silva

[Faculdade de Educação | Gpdes-UnB, Brasil]

## 17h Lançamento: Território Cultural Negro Bispo: espaço pedagógico-formativo em arte

Exposição de artes plásticas: diálogos visuais antirracistas protagonizados por crianças brasileiras e mexicanas

Exposição: Vivas, Vivas Negro Bispo!

Instalação audiovisual: Mulheres negras e práticas antirracistas

Feira de arte e cultura popular

Lançamento coletivo de livros

Apresentações artístico-culturais

## 6 DE DEZEMBRO


### 8h-11h SESSÕES CONVERSATÓRIOS

#### Conversatório 1 - Narrativas de interculturalidade: sentidos e práxis para a transformação [Sessão 1]

Coordenação: Lauriene Seraguza (UFGD-Faind), Eliel Benites Kaiowá (Ministério dos Povos Indígenas) Izaque João Kaiowá (USP), Jacy Caris Duarte Vera Guarani (UFGD), Daniele Lourenço Terena (IFCS-UFRJ), Lileia Almeida Kaiowá (UFGD).

Convidado especial: Ramon Tupinambá (Cacique do Povo Tupinambá)

Gestada nas lutas e movimentos dos povos originários, a concepção de interculturalidade, numa perspectiva crítica, tem potencializado práxis fundadas na afirmação de formas de ser, saber e agir no mundo conectadas com princípios cosmológicos ancestrais do Bem Viver. Esses princípios, ao mesmo tempo em que tornam explícito o poder destrutivo da racionalidade moderno-colonial, ensinam alternativas para coexistências regidas pela consciência da interdependência entre todas as formas de vida entre si e com a Terra e o Cosmos. Da abertura a essas alternativas, que ensinam a práxis e o




diálogo interculturais, emergem conhecimentos, práticas educativas (escolares/acadêmicas ou não), ações de sustentabilidade, bem como formas diversas de resistências socioculturais e políticas. Neste sentido, este conversatório busca compartilhar narrativas de interculturalidade, desde experiências fundadas em, ou que estabeleçam diálogos com cosmologias, epistemologias, vivências e práticas indígenas, de modo que colaborem não só com o aprofundamento da concepção, mas, principalmente, com formas de ação no mundo, em diferentes campos sociais.

## **Conversatório 2 - Vivenciando a Educação na Matriz Africana [Sessão 1]**

Coordenação: Mariana Bracks Fonseca (Universidade Federal de Sergipe - UFS); Daniela Barros Pontes e Silva (Gpdes-UnB e UniCEUB); Saulo Pequeno Nogueira Florencio (Gpdes-UnB e UniCEUB)

Convidadas/os especiais: Mestra Janja (Instituto Nzinga de Capoeira Angola, Salvador-BA), Taata Katuvanjesi (Inzo Tumbansi, Itapecerica da Serra-SP), wanderson flor do nascimento (Mespt | CEAM | NEAB | NEFA-UnB), Omar Sarr Badji (Bùbajum Áyyi D'Oussouye, Senegal)

As expressões culturais negras no Brasil mantêm vivas formas de educar e pensar, próprias das sociedades africanas. A transmissão de valores, conhecimentos ancestrais, histórias são acionadas e animadas pelos toques dos tambores, pelas danças, pelos cantos. Através das músicas cantadas, orações, rezas aprendem-se “cosmopercepções” africanas. Através do “corpo-território”, aprendem-se as lutas de resistência. Através dos ritmos, o perceber e reverenciar o sagrado. Este conversatório objetiva refletir sobre as práticas educativas presentes na cultura negra e afrodiáspórica, a partir da experiência de seus mestres e guardiões. Busca-se compreender os terreiros, rodas, cortejos, guardas como espaços de saberes e de formação humana pautada em valores africanos. Intencionamos discutir o conceito de “educação tradicional de matriz africana” e valorizar os elementos que a compõem - oralidade, corporalidade, performatividade, ancestralidade, circularidade, musicalidade, comunidade, senioridade, iniciações, entre outros. Esperamos receber neste conversatório estudantes, professoras e professores, gestoras e gestores escolares e pessoas interessadas, que buscam decolonizar suas práticas educativas e desejam se aprofundar nas formas africanas e afrodiáspóricas de conceber o processo educativo. Também desejamos que os espaços de educação formal reconheçam as sabedorias africanas e as formas de ensinar e aprender presentes nas culturas negras e que possam inserir cada vez mais estas linguagens e tecnologias educativas no cotidiano escolar.



### **Conversatório 3 - Etnocologia, educação e o século XXI: novos léxicos, locais de fala e suas relações decoloniais**

Coordenação: Ivana Delfino (PPGCEN | Afeto | IdA-UnB) e Adailson Costa (PPGCEN | Afeto | IdA-UnB)

Convidado especial: Graça Veloso (PPGCEN | Afeto | IdA-UnB)

O presente conversatório tem como intuito ampliar a discussão acerca dos locais de fala, novos léxicos e relações decoloniais que utilizamos em nossas pesquisas nos campos da educação e da Etnocologia. Estes conceitos que utilizamos vêm sendo modificados a partir da ampliação das vozes, narrativas e práticas de outros campos e de outros corpos. Como somos entes de uma sociedade que pulsa pela pluralidade, essas teorias precisam ser constantemente revistas. Muito pode-se dizer ou defender que os locais de fala, novos léxicos e relações decoloniais de forma mais direta surgem em contextos históricos específicos e que é preciso levar em consideração o debate sobre seus usos. Todavia, com todas as discussões acerca dos capacitismos, do racismo, da branquitude, das questões de gênero e sexualidade, dos debates LGBTQIAPN+, das práticas indígenas, quilombolas e raciais, escolhemos muitas vezes decolonizar estes conceitos tornando-os outros. Nesta sessão, convidamos as pesquisadoras e pesquisadores que debatem em suas pesquisas novas percepções para compartilharem conosco estes desafios e vitórias da comunicação no século XXI.

### **Conversatório 4 - Educação e saberes do campo, das águas e das florestas: imaginar-construir a escola a partir do popular e do próprio**

Coordenação: Grazielle Azevedo (Gpdes, Mespt-UnB), Jacqueline Freire (UFPA), Ana D'Arc Azevedo (UNAMA), Sabrina Stein (Gpdes-UnB), Cláudia Laurido (SEDUC-PA), Jáder Castro (UFG), Larissa Aviz (UEPA), Katia Simone (Mespt-UnB), Eduardo Di Deus (FE-UnB), Edson Anhaia (UFSC)

Convidadas/os especiais: Carla Ely Pereira (Escola Padre Pio, Ilha do Capim, Abaetetuba-PA), Edielso Santos (Escola das Águas, BA)

Os nossos saberes transitam como as águas correntes entre as pedras. Circulam, são produzidos e ensinados nas matas, nos rios, na terra, nos mutirões, nas igrejas, nos quintais e entre tantos outros espaços do mundo campestre, das águas e das florestas. Geram, portanto, aprendizados entranhados na própria vida e experimentados por meio de nossos corpos-territórios (individuais e coletivos) na vivência cotidiana de co-construir e ser-parte de uma comunidade. A educação escolar se insere nesse debate como uma dimensão fundamental, pois pode tanto operar como uma instituição fortalecedora desses mundos, quanto reproduzir o imaginário racista



que historicamente inferiorizou e depreciou as formas próprias (não hegemônicas) de viver, conhecer e educar. Nesse sentido, as escolas inseridas em comunidades tradicionais ribeirinhas, pescadoras, extrativistas, geraizeiras, pomeranas, dentre tantas outras, podem ser transformadas positivamente pelo manancial de saberes, experiências, tecnologias sociais e pedagogias produzidas nesses contextos. Ao levar em conta essas referências, incorporando-as nos currículos e nas práticas pedagógicas, as escolas podem fortalecer os modos de vida locais, assentados no bem comum e em perspectivas integradoras das relações entre cultura e natureza. Assim, a escola também fortalece a luta comunitária contra os projetos desenvolvimentistas, neoextrativistas e predatórios. Neste conversatório aspira-se cirandar diálogos, promover trocas de experiências e fortalecer lutas e re-existências na construção de processos educativos escolares próprios voltados para o comum, a sustentabilidade, a justiça socioambiental e racial. Serão recepcionados trabalhos que tenham como foco as lutas dos povos do campo, das águas e das florestas pelo direito a uma educação escolar própria, informada por seus saberes, modos de vida e práticas educativas ancestrais.

### **Conversatório 5 – Decolonizar as escolas, as universidades e os conhecimentos, promover justiça epistêmica [Sessão 1]**

Coordenação: Ana Tereza Reis da Silva (Faculdade de Educação | Gpdes-UnB), Lurian Lima (Gpdes-UnB), Edson Antoni (Colégio de Aplicação UFRGS), Alessandro Roberto de Oliveira (Faculdade de Educação | Gpdes-UnB), Ana Catarina Zema (Gtpipe-Clacso)

Convidadas/os especiais: Mariana Solorzano (UACO-México) e Beatriz González Pedro (UACO- México)

As escolas e as universidades são instituições intrínsecas à dominação moderno/colonial. Foram historicamente mobilizadas como ferramentas de propagação, inculcação e circulação dos valores, das culturas, e dos conhecimentos norte-eurocentrados, engendrando, com isso, um processo sistemático de depreciação e apagamento de outras formas de educar e de conhecer, como os saberes e as pedagogias dos povos originários, africanos e afroindígenas (Grosfoguel, 2016). Essa perspectiva monocultural e epistemicida segue presente nos espaços acadêmicos e escolares (Carneiro, 2005): na organização (disciplinar e fragmentária) dos currículos, nas práticas convencionais de ensino, pesquisa e escrita, nas regras que definem o bom trabalho acadêmico, nos critérios de validação e legitimação do conhecimento. Por outro lado, desafios globais como o colapso climático expõem os limites dessa lógica e revelam a importância estratégica dos saberes originários para a construção de outros




caminhos civilizatórios, orientados pelo bem comum, respeito à mãe terra, equidade racial e justiça socioambiental. No Brasil, a crescente ampliação da diversidade étnico-racial nas escolas e nas universidades tem fomentado práticas de interculturalização e decolonização do ensino e do conhecimento a partir da valorização dos saberes afrocentrados e indígenas. Em outros contextos latino-americanos, as ciências próprias dos povos originários já desempenham um papel central nos processos formativos e na produção do conhecimento em universidades interculturais e comunais. Este conversatório é um convite à reflexão teórica e ao intercâmbio de experiências sobre práticas emergentes que buscam decolonizar e interculturalizar as escolas, as universidades, os currículos e os conhecimentos, bem como promover justiça epistêmica. Nesse sentido, serão acolhidos trabalhos sobre os mais variados temas: racismo epistêmico, epistemicídio, (in)justiça epistêmica, diálogo de saberes, pedagogias decoloniais, interculturalidade, decolonização dos currículos, ações afirmativas, pesquisa engajada, metodologias participativas, etc. rofundamento da concepção, mas, principalmente, com formas de ação no mundo, em diferentes campos sociais.

### **Conversatório 7 - Educação antirracista: educando para as relações étnico-raciais [Sessão 1]**

Coordenação: Bárbara Dourado (Gpdes-UnB), Francineia Alves (SEEDF), Matheus Costa, (SEEDF), Atauan Queiroz (GECRIA-UnB e IFBA), Carolina Mendes (Gpdes-UnB e IFB), Janaina Melques Fernandes (SEDUC-Santos-SP e UNIMES-SP), Jaqueline Coêlho (IFB), Lucas Ferreira (Mespt | Gpdes-UnB), Rafael Sousa (IFB), Tatiana Rosa (Sedu-PMS e PProEd-UERJ), Day Rodrigues (Escola da Cidade-SP e Produtora Duas Rainhas)

Convidadas/os especiais: Billy Malachias (Geopo-USP e CEERT), Gina Vieira Ponte (Gecria-UnB e Projeto Mulheres Inspiradoras), Rafaela Camargo dos Santos (UNIMES-Santos/SP)

Historicamente, a educação reproduziu a desigualdade, reforçou o mito da democracia racial e negou as violências impostas aos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas. Uma das dimensões dessa história de injustiça é o epistemicídio (Carneiro, 2005), isto é, o apagamento da cultura e das elaborações mentais desses povos e de suas contribuições para a sociedade brasileira. Nilma Gomes (2011) e Gersem Baniwa (2016) afirmam que a construção de uma sociedade antirracista passa pela criação de leis, ações afirmativas capazes de “reparar”, por meio da educação e de outras estratégias, séculos de negação de direitos. Nesse sentido, o conversatório em tela tem por objetivo promover o diálogo e a troca de experiências sobre práticas educativas antirracistas e para as relações étnico-raciais na educação básica. Serão recepcionadas comunicações como relatos de



experiências, ensaios teóricos e resultados de pesquisa, nos mais diversos formatos, que tratem dos avanços, inovações e desafios na implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, visando a construção de uma sociedade antirracista.

### **Conversatório 10 - Autoria criativa, educação e consciência linguística: estudos críticos do discurso [Sessão 1]**

Coordenação: Juliana Dias (PPGL | Gecria-UnB), Sila Marisa (PPGL | Gecria-UnB), Caroline Vilhena (PPGL | Gecria-UnB), Camila Moreira (Gecria-UnB), Edinéia Alves (Gecria-UnB) e Paula Gomes (Gecria-UnB).

Convidadas especiais: Ana Clara Silva Oliveira (Letras Tradução-UnB), Ellen Weishaupt Kassavara (Letras Português-UnB).

Este conversatório traz discussões de pesquisas-vida construídas através da escrita criativa autoral e ancoradas em práticas de Letramento Criativo em comunidades de aprendizagem. A coordenação é realizada pelo Grupo de Pesquisa da UnB GECRIA – Educação Crítica e Autoria Criativa (PPGL/UnB CNPq) que vem pesquisando e oferecendo formação inicial e continuada sobre o tema, ao longo dos últimos anos. Seguimos diálogos transdisciplinares e indisciplinados, no bojo dos estudos linguísticos/discursivos decoloniais e da educação, ancorado em práticas (auto)etnográficas discursivas e críticas, envolvendo a agenda de pesquisa sobre processos de escrita autoral, leitura crítica e de autoria criativa. Partimos da concepção de autoria criativa como um modo protagonista e crítico de ação consciente do sujeito escritor. Partimos dos debates sobre (i) agência, sob o viés dos estudos críticos de discurso (Bazerman, 2006; Possenti, 2002; Archer, 2003); (ii) escrita criativa autoral (Dias, Coroa e Lima, 2018) e (iii) protagonismo dos textos (Magalhães, 2017); e contribuições da pedagogia engajada e crítica (Freire, 1987, 1991, 1999; Giroux, 1995; hooks, 2013 e outras/os). Nossa contribuição para as comunidades científica e geral é promover reflexões discursivas, emoções e impulsos identitário-discursivos que levem a uma prática libertadora e transformadora do ser escritor/a e do ser humano em sua vida social.

#### **11h Sessão Partilha dos Conversatórios**

Todos os conversatórios do período matutino. Este momento prevê o compartilhamento das discussões realizadas nos conversatórios do período matutino, trazendo uma compreensão abrangente dos temas tratados.

#### **12h30 ALMOÇO**



## 14h-17h SESSÕES CONVERSATÓRIOS

### **Conversatório 1 - Narrativas de interculturalidade: sentidos e práxis para a transformação [Sessão 2]**

Coordenação: Lauriene Seraguza (UFGD/\-Faind), Eliel Benites Kaiowá (Ministério dos Povos Indígenas) Izaque João Kaiowá (USP), Jacy Caris Duarte Vera Guarani (UFGD), Daniele Lourenço Terena (IFCS | UFRJ), Lileia Almeida Kaiowá (UFGD).

Convidadas/os especiais: Emerson Saw Munduruku (Funai-Itaituba-PA e, Ramon Tupinambá (Cacique do Povo Tupinambá)

Gestada nas lutas e movimentos dos povos originários, a concepção de interculturalidade, numa perspectiva crítica, tem potencializado práxis fundadas na afirmação de formas de ser, saber e agir no mundo conectadas com princípios cosmológicos ancestrais do Bem Viver. Esses princípios, ao mesmo tempo em que tornam explícito o poder destrutivo da racionalidade moderno-colonial, ensinam alternativas para coexistências regidas pela consciência da interdependência entre todas as formas de vida entre si e com a Terra e o Cosmos. Da abertura a essas alternativas, que ensejam a práxis e o diálogo interculturais, emergem conhecimentos, práticas educativas (escolares/acadêmicas ou não), ações de sustentabilidade, bem como formas diversas de resistências socioculturais e políticas. Neste sentido, este conversatório busca compartilhar narrativas de interculturalidade, desde experiências fundadas em, ou que estabeleçam diálogos com cosmologias, epistemologias, vivências e práticas indígenas, de modo que colaborem não só com o aprofundamento da concepção, mas, principalmente, com formas de ação no mundo, em diferentes campos sociais.

### **Conversatório 5 – Decolonizar as escolas, as universidades e os conhecimentos, promover justiça epistêmica [Sessão 2]**

Coordenação: Ana Tereza Reis da Silva (Faculdade de Educação e Gpdes-UnB), Lurian Lima (Gpdes-UnB), Edson Antoni (Colégio de Aplicação UFRGS), Alessandro Roberto de Oliveira (Faculdade de Educação e Gpdes-UnB), Ana Catarina Zema (Gtpipe-Clacso)

Convidadas/os especiais: Mariana Solorzano (UACO-México) e Beatriz González Pedro (UACO- México)

As escolas e as universidades são instituições intrínsecas à dominação moderno/colonial. Foram historicamente mobilizadas como ferramentas de propagação, inculcação e circulação dos valores, das culturas, e dos conhecimentos norte-eurocentrados, engendrando, com isso, um processo sistemático de depreciação e apagamento de outras formas de educar e de conhecer, como os saberes e as pedagogias dos povos originários, africanos e afroindígenas (Grosfoguel, 2016). Essa perspectiva monocultural e epistemicida segue presente nos espaços acadêmicos e escolares (Carneiro, 2005):





na organização (disciplinar e fragmentária) dos currículos, nas práticas convencionais de ensino, pesquisa e escrita, nas regras que definem o bom trabalho acadêmico, nos critérios de validação e legitimação do conhecimento. Por outro lado, desafios globais como o colapso climático expõem os limites dessa lógica e revelam a importância estratégica dos saberes originários para a construção de outros caminhos civilizatórios, orientados pelo bem comum, respeito à mãe terra, equidade racial e justiça socioambiental. No Brasil, a crescente ampliação da diversidade étnico-racial nas escolas e nas universidades tem fomentado práticas de interculturalização e decolonização do ensino e do conhecimento a partir da valorização dos saberes afrocentrados e indígenas. Em outros contextos latino-americanos, as ciências próprias dos povos originários já desempenham um papel central nos processos formativos e na produção do conhecimento em universidades interculturais e comunais. Este conversatório é um convite à reflexão teórica e ao intercâmbio de experiências sobre práticas emergentes que buscam decolonizar e interculturalizar as escolas, as universidades, os currículos e os conhecimentos, bem como promover justiça epistêmica. Nesse sentido, serão acolhidos trabalhos sobre os mais variados temas: racismo epistêmico, epistemicídio, (in)justiça epistêmica, diálogo de saberes, pedagogias decoloniais, interculturalidade, decolonização dos currículos, ações afirmativas, pesquisa engajada, metodologias participativas, etc.

### **Conversatório 6 - Decolonizar as infâncias: as vozes das crianças como perspectivas outras**

Coordenação: Hugo Nicolau Vieira de Freitas (PPGE e Gpdes-UnB)  
Aline Seabra de Oliveira (PPGCEN-UnB e SEEDF), Ana Maria de Araújo (SEEDF), Kathia Núñez Patiño (UNACH-México), Luciana Hartmann (PPGCEN | Imagens e(m) Cena-UnB e Rede Infâncias Protagonistas), Fátima Vidal (FE-UnB e Semillero Brasil)  
Convidado especial: Hugo Valdés (UNACH y Sueniños-México).

O conversatório tem como objetivo ser campo de diálogo e reflexões sobre o protagonismo estético, político e epistêmico de crianças nos diversos espaços sociais que ocupam e sobre os discursos narrativos agenciados por elas. Para tanto, pretendemos fomentar a troca de experiências entre pesquisadores, pesquisadoras, professoras e professores e demais profissionais de distintas áreas de conhecimento interessados nos temas crianças e infâncias. O conversatório será espaço de interlocução sobre distintas práticas decolonizadoras, como as artístico-pedagógicas realizadas com e por crianças nos ambientes formais de educação, práticas com e por crianças investigadoras, imigrantes e de comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas. Um dos diferenciais da abordagem com crianças imigrantes é o reconhecimento do papel delas nos processos



migratórios, através da escuta de suas narrativas e da promoção de seus saberes por meio das linguagens artísticas. Nossa premissa é que as crianças e jovens imigrantes, que frequentemente já protagonizam processos de integração de suas famílias nos países de destino, possam contribuir de maneira ativa no debate sobre políticas educacionais que garantam o acesso pleno à escola. Ademais, partimos do pressuposto de que as práticas comunitárias indígenas não são apenas alternativas para construir outras pedagogias nos contextos socioculturais das infâncias, como também caminhos para integrá-las no processo de investigação, para viabilizar e promover o protagonismo das infâncias na produção de conhecimentos.

### **Conversatório 7 - Educação antirracista: educando para as relações étnico-raciais [Sessão 2]**


Coordenação: Bárbara Dourado (Gpdes-UnB), Francineia Alves (SEEDF), Matheus Costa (SEEDF), Atauan Queiroz (GECRIA-UnB e IFBA), Carolina Mendes (Gpdes-UnB e IFB), Janaina Melques Fernandes (SEDUC-Santos-SP e UNIMES-SP), Jaqueline Coêlho (IFB), Lucas Ferreira (Mespt | Gpdes-UnB), Rafael Sousa (IFB), Tatiana Rosa (Sedu-PMS e PRoPEd-UERJ), Day Rodrigues (Escola da Cidade-SP e Produtora Duas Rainhas)

Convidadas/os especiais: Billy Malachias ( Geopo-USP e CEERT), Gina Vieira Ponte (Gecria-UnB e Projeto Mulheres Inspiradoras), Rafaela Camargo dos Santos (UNIMES-Santos-SP)

Historicamente, a educação reproduziu a desigualdade, reforçou o mito da democracia racial e negou as violências impostas aos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas. Uma das dimensões dessa história de injustiça é o epistemicídio (Carneiro, 2005), isto é, o apagamento da cultura e das elaborações mentais desses povos e de suas contribuições para a sociedade brasileira. Nilma Gomes (2011) e Gersem Baniwa (2016) afirmam que a construção de uma sociedade antirracista passa pela criação de leis, ações afirmativas capazes de “reparar”, por meio da educação e de outras estratégias, séculos de negação de direitos. Nesse sentido, o conversatório em tela tem por objetivo promover o diálogo e a troca de experiências sobre práticas educativas antirracistas e para as relações étnico-raciais na educação básica. Serão recepcionadas comunicações como relatos de experiências, ensaios teóricos e resultados de pesquisa, nos mais diversos formatos, que tratem dos avanços, inovações e desafios na implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, visando a construção de uma sociedade antirracista.

### **Conversatório 8 - Narrativas Autobiográficas de estudantes indígenas**

Coordenação: Paula Fernandes Neves (Gpdes-UnB e UFG),



Mirim Ju Guarani (Conselho Indígena do DF | TERRES-Geografia-UnB e AAIUnB), Eulálio Apurinã (Mespt-UnB), Nubiã Tupinambá (Funai) Convidadas especiais: Manu Tuyuka (AAIUnB), Alcineide Piratapuya (AAIUnB)

O tema central deste conversatório é a afirmação do pertencimento étnico, da identidade e do lugar de fala, enquanto loci legítimos de produção do conhecimento, tendo como foco as experiências acadêmicas de estudantes indígenas. Busca-se por meio desse diálogo refletir criticamente sobre os desafios que os estudantes indígenas enfrentam nos ambientes acadêmicos, bem como sobre as oportunidades que a presença dessas intelectualidades representa para a construção de outras formas de produção de conhecimentos e para o desenvolvimento de uma ciência decolonial que respeite os diferentes saberes e culturas. Nesse sentido, o conversatório acolherá narrativas autobiográficas de estudantes indígenas sobre suas trajetórias acadêmicas e as formas pelas quais eles têm afirmado suas identidades, territórios, ancestralidades e saberes tradicionais, em diálogo com os conhecimentos científicos.

### **Conversatório 9 - Educação quilombola: território de (re)existência**

Coordenação: Romero Antonio de Almeida Silva (Coletivo de Educação da CONAQ, Gpdes-UnB, SEE Pernambuco e FADIMAB-PE), Fabiana Vencezlau (AQCC | CONAQ e UFRGS), John Cleber Santiago (Movimento da Juventude Quilombola do Território de Jambuaçu | Gpdes-UnB e PPGED-UEPA), Silvana Ferreira (CECAF | SEDUC-PA e PPGE-UEPA)  
Convidada especial: Givânia Maria da Silva (Coletivo de Educação da Conaq)

A educação quilombola perpassa as vidas dos povos Quilombolas, tanto na comunidade como na escola. Pensar a educação quilombola é pensar em diferentes possibilidades de ensino, pesquisa e escrita, nas regras que definem o bom trabalho acadêmico, nos critérios de validação e legitimação do conhecimento. Por outro lado, desafios globais como o colapso climático expõem os limites dessa lógica e revelam a importância estratégica dos saberes originários para a construção de outros caminhos civilizatórios, orientados pelo bem comum, respeito à mãe terra, equidade racial e justiça socioambiental. No Brasil, a crescente ampliação da diversidade étnico-racial nas escolas e nas universidades tem fomentado práticas de interculturalização e decolonização do ensino e do conhecimento a partir da valorização dos saberes afrocentrados e indígenas. Em outros contextos latino-americanos, as ciências próprias dos povos originários já desempenham um papel central nos processos formativos e na produção do conhecimento em universidades




interculturais e comunais. Este conversatório é um convite à reflexão teórica e ao intercâmbio de experiências sobre práticas emergentes que buscam decolonizar e interculturalizar as escolas, as universidades, os currículos e os conhecimentos, bem como promover justiça epistêmica. Nesse sentido, serão acolhidos trabalhos sobre os mais variados temas: racismo epistêmico, epistemicídio, (in)justiça epistêmica, diálogo de saberes, pedagogias decoloniais, interculturalidade, decolonização dos currículos, ações afirmativas, pesquisa engajada, metodologias participativas, etc. aminhos de luta, de história, de identidade, memória, ancestralidade e pertencimento aos territórios. Nesse intuito, o conversatório tem como objetivo debater as questões que envolvem a educação quilombola, passando pelas dimensões escolar e não escolar e por como essas duas dimensões são interligadas à vida e à r-existência dos territórios quilombolas. Receberemos trabalhos de Quilombolas e não Quilombolas, pesquisadoras/es, professoras/es da educação básica e do ensino superior, que tragam contribuições sobre a temática em tela.

### **Conversatório 10 - Autoria criativa, educação e consciência linguística: estudos críticos do discurso [Sessão 2]**

Coordenação: Juliana Dias (PPGL | Gecria-UnB), Sila Marisa (PPGL | Gecria-UnB), Caroline Vilhena (PPGL | Gecria-UnB), Camila Moreira (Gecria-UnB), Edinéia Alves (Gecria-UnB) e Paula Gomes (Gecria-UnB).

Convidadas especiais: Ana Clara Silva Oliveira (Letras Tradução-UnB), Ellen Weishaupt Kassavara (Letras Português-UnB).

Este conversatório traz discussões de pesquisas-vida construídas através da escrita criativa autoral e ancoradas em práticas de Letramento Criativo em comunidades de aprendizagem. A coordenação é realizada pelo Grupo de Pesquisa da UnB GECRIA – Educação Crítica e Autoria Criativa (PPGL/UnB CNPq) que vem pesquisando e oferecendo formação inicial e continuada sobre o tema, ao longo dos últimos anos. Seguimos diálogos transdisciplinares e indisciplinados, no bojo dos estudos linguísticos/discursivos decoloniais e da educação, ancorado em práticas (auto)etnográficas discursivas e críticas, envolvendo a agenda de pesquisa sobre processos de escrita autoral, leitura crítica e de autoria criativa. Partimos da concepção de autoria criativa como um modo protagonista e crítico de ação consciente do sujeito escritor. Partimos dos debates sobre (i) agência, sob o viés dos estudos críticos de discurso (Bazerman, 2006; Possenti, 2002; Archer, 2003); (ii) escrita criativa autoral (Dias, Coroa e Lima, 2018) e (iii) protagonismo dos textos (Magalhães, 2017); e contribuições da pedagogia engajada e crítica (Freire, 1987, 1991, 1999; Giroux, 1995; hooks, 2013 e



outras/os). Nossa contribuição para as comunidades científica e geral é promover reflexões discursivas, emoções e impulsos identitário-discursivos que levem a uma prática libertadora e transformadora do ser escritor/a e do ser humano em sua vida social.

### 17h **Sessão Partilha dos Conversatórios**

Todos os conversatórios do período vespertino. Este momento prevê o compartilhamento das discussões realizadas nos conversatórios do período vespertino, trazendo uma compreensão abrangente dos temas tratados.

### **Território Cultural Nego Bispo: espaço pedagógico-formativo em arte**

Atividade integradora

### 18h30 **Sessão Narrativas em diálogo 3: Saberes e pedagogias ancestrais para imaginar-construir outros mundos possíveis**

Omar Sarr Badji

[Guardião das Tradições culturais do povo Diola de Casamance, Senegal]

Edson Kayapó

[Instituto Federal da Bahia, Brasil]

Beatriz González Pedro

[Universidad Autónoma Comunal de Oaxaca, México]

Facilitação: Kathia Núñez Patiño

[Universidad Autónoma de Chiapas, México]

## **7 DE DEZEMBRO**

### 8h-11h **SESSÕES CONVERSATÓRIOS**

#### **Conversatório 2 - Vivenciando a Educação na Matriz Africana [Sessão 2]**

Coordenação: Mariana Bracks Fonseca (Universidade Federal de Sergipe - UFS); Daniela Barros Pontes e Silva (Gpdes-UnB e UniCEUB); Saulo Pequeno Nogueira Florencio (Gpdes-UnB e UniCEUB)

Convidadas/os especiais: Mestra Janja (Instituto Nzinga de Capoeira Angola, Salvador-BA), Taata Katuvanjesi (Inzo Tumbansi, Itapecerica da Serra-SP), wanderson flor do nascimento (Mespt | CEAM | NEAB | NEFA-UnB), Omar Sarr Badji (Bùbajum Áyyi D'Oussouye, Senegal)



As expressões culturais negras no Brasil mantêm vivas formas de educar e pensar, próprias das sociedades africanas. A transmissão de valores, conhecimentos ancestrais, histórias são acionadas e animadas pelos toques dos tambores, pelas danças, pelos cantos. Através das músicas cantadas, orações, rezas aprendem-se “cosmopercepções” africanas. Através do “corpo-território”, aprendem-se as lutas de resistência. Através dos ritmos, o perceber e reverenciar o sagrado. Este conversatório objetiva refletir sobre as práticas educativas presentes na cultura negra e afrodiáspórica, a partir da experiência de seus mestres e guardiões. Busca-se compreender os terreiros, rodas, cortejos, guardas como espaços de saberes e de formação humana pautada em valores africanos. Intencionamos discutir o conceito de “educação tradicional de matriz africana” e valorizar os elementos que a compõem - oralidade, corporalidade, performatividade, ancestralidade, circularidade, musicalidade, comunidade, senioridade, iniciações, entre outros. Esperamos receber neste conversatório estudantes, professoras e professores, gestoras e gestores escolares e pessoas interessadas, que buscam decolonizar suas práticas educativas e desejam se aprofundar nas formas africanas e afrodiáspóricas de conceber o processo educativo. Também desejamos que os espaços de educação formal reconheçam as sabedorias africanas e as formas de ensinar e aprender presentes nas culturas negras e que possam inserir cada vez mais estas linguagens e tecnologias educativas no cotidiano escolar.

#### **Conversatório 4 - Educação e saberes do campo, das águas e das florestas: imaginar-construir a escola a partir do popular e do próprio [Sessão 2]**

Coordenação: Grazielle Azevedo (Gpdes e Mespt-UnB), Jacqueline Freire (UFPA), Ana D’Arc Azevedo (UNAMA), Sabrina Stein (Gpdes-UnB), Cláudia Laurido (SEDUC-PA), Jáder Castro (UFMG), Larissa Aviz (UEPA), Katia Simone (Mespt-UnB), Eduardo Di Deus (FE-UnB) e Edson Anhaia (UFSC)

Convidadas/os especiais: Carla Ely Pereira (Escola Padre Pio, Ilha do Capim, Abaetetuba-PA) e Edielso Santos (Escola das Águas, BA)

Os nossos saberes transitam como as águas correntes entre as pedras. Circulam, são produzidos e ensinados nas matas, nos rios, na terra, nos mutirões, nas igrejas, nos quintais e entre tantos outros espaços do mundo campestre, das águas e das florestas. Geram, portanto, aprendizados entranhados na própria vida e experimentados por meio de nossos corpos-territórios (individuais e coletivos) na vivência cotidiana de co-construir e ser-parte de uma comunidade. A educação escolar se insere nesse debate como uma dimensão fundamental, pois pode tanto operar como uma instituição fortalecedora desses mundos, quanto reproduzir o imaginário racista




que historicamente inferiorizou e depreciou as formas próprias (não hegemônicas) de viver, conhecer e educar. Nesse sentido, as escolas inseridas em comunidades tradicionais ribeirinhas, pescadoras, extrativistas, geraizeiras, pomeranas, dentre tantas outras, podem ser transformadas positivamente pelo manancial de saberes, experiências, tecnologias sociais e pedagogias produzidas nesses contextos. Ao levar em conta essas referências, incorporando-as nos currículos e nas práticas pedagógicas, as escolas podem fortalecer os modos de vida locais, assentados no bem comum e em perspectivas integradoras das relações entre cultura e natureza. Assim, a escola também fortalece a luta comunitária contra os projetos desenvolvimentistas, neoextrativistas e predatórios. Neste conversatório aspira-se cirandar diálogos, promover trocas de experiências e fortalecer lutas e re-existências na construção de processos educativos escolares próprios voltados para o comum, a sustentabilidade, a justiça socioambiental e racial. Serão recepcionados trabalhos que tenham como foco as lutas dos povos do campo, das águas e das florestas pelo direito a uma educação escolar própria, informada por seus saberes, modos de vida e práticas educativas ancestrais.

### **Conversatório 5 – Decolonizar as escolas, as universidades e os conhecimentos, promover justiça epistêmica [Sessão 3]**

Coordenação: Ana Tereza Reis da Silva (Faculdade de Educação e Gpdes-UnB), Lurian Lima (Gpdes-UnB), Edson Antoni (Colégio de Aplicação UFRGS), Alessandro Roberto de Oliveira (Faculdade de Educação e Gpdes-UnB), Ana Catarina Zema (Gtpipe-Clacso)

Convidadas/os especiais: Mariana Solorzano (Universidad Autónoma Comunal-México) e Beatriz González Pedro (Universidad Autónoma Comunal- México)

AAs escolas e as universidades são instituições intrínsecas à dominação moderno/colonial. Foram historicamente mobilizadas como ferramentas de propagação, inculcação e circulação dos valores, das culturas, e dos conhecimentos norte-eurocentrados, engendrando, com isso, um processo sistemático de depreciação e apagamento de outras formas de educar e de conhecer, como os saberes e as pedagogias dos povos originários, africanos e afroindígenas (Grosfoguel, 2016). Essa perspectiva monocultural e epistemicida segue presente nos espaços acadêmicos e escolares (Carneiro, 2005): na organização (disciplinar e fragmentária) dos currículos, nas práticas convencionais de ensino, pesquisa e escrita, nas regras que definem o bom trabalho acadêmico, nos critérios de validação e legitimação do conhecimento. Por outro lado, desafios globais como o colapso climático expõem os limites dessa lógica e revelam a importância estratégica dos saberes originários para a construção de outros



caminhos civilizatórios, orientados pelo bem comum, respeito à mãe terra, equidade racial e justiça socioambiental. No Brasil, a crescente ampliação da diversidade étnico-racial nas escolas e nas universidades tem fomentado práticas de interculturalização e decolonização do ensino e do conhecimento a partir da valorização dos saberes afrocentrados e indígenas. Em outros contextos latino-americanos, as ciências próprias dos povos originários já desempenham um papel central nos processos formativos e na produção do conhecimento em universidades interculturais e comunais. Este conversatório é um convite à reflexão teórica e ao intercâmbio de experiências sobre práticas emergentes que buscam decolonizar e interculturalizar as escolas, as universidades, os currículos e os conhecimentos, bem como promover justiça epistêmica. Nesse sentido, serão acolhidos trabalhos sobre os mais variados temas: racismo epistêmico, epistemicídio, (in)justiça epistêmica, diálogo de saberes, pedagogias decoloniais, interculturalidade, decolonização dos currículos, ações afirmativas, pesquisa engajada, metodologias participativas, etc.


### **Conversatório 7 - Educação antirracista: educando para as relações étnico-raciais [Sessão 3]**

Coordenação: Bárbara Dourado (Gpdes-UnB), Francineia Alves (SEEDF), Matheus Costa, (SEEDF), Atauan Queiroz (GECRIA-UnB e IFBA), Carolina Mendes (Gpdes-UnB e IFB), Janaina Melques Fernandes (SEDUC-Santos-SP e UNIMES-SP), Jaqueline Coêlho (IFB), Lucas Ferreira (Mespt | Gpdes-UnB), Rafael Sousa (IFB), Tatiana Rosa (Sedu-PMS e PRoPEd-UERJ), Day Rodrigues (Escola da Cidade-SP e Produtora Duas Rainhas)

Convidadas/os especiais: Billy Malachias (Geopo-USP e CEERT), Gina Vieira Ponte (Gecria-UnB e Projeto Mulheres Inspiradoras), Rafaela Camargo dos Santos (UNIMES-Santos/SP)

Historicamente, a educação reproduziu a desigualdade, reforçou o mito da democracia racial e negou as violências impostas aos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas. Uma das dimensões dessa história de injustiça é o epistemicídio (Carneiro, 2005), isto é, o apagamento da cultura e das elaborações mentais desses povos e de suas contribuições para a sociedade brasileira. Nilma Gomes (2011) e Gersem Baniwa (2016) afirmam que a construção de uma sociedade antirracista passa pela criação de leis, ações afirmativas capazes de “reparar”, por meio da educação e de outras estratégias, séculos de negação de direitos. Nesse sentido, o conversatório em tela tem por objetivo promover o diálogo e a troca de experiências sobre práticas educativas antirracistas e para as relações étnico-raciais na educação básica. Serão recepcionadas comunicações como relatos de experiências, ensaios teóricos e resultados de pesquisa, nos mais diversos formatos, que tratem dos avanços, inovações e desafios na





implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, visando a construção de uma sociedade antirracista.

### **Conversatório 10 - Autoria criativa, educação e consciência linguística: estudos críticos do discurso [Sessão 3]**

Coordenação: Juliana Dias (PPGL | Gecria-UnB), Sila Marisa (PPGL | Gecria-UnB), Caroline Vilhena (PPGL | Gecria-UnB), Camila Moreira (Gecria-UnB), Edinéia Alves (Gecria-UnB) e Paula Gomes (Gecria-UnB).


Convidadas especiais: Ana Clara Silva Oliveira (Letras Tradução-UnB), Ellen Weishaupt Kassavara (Letras Português-UnB).

Este conversatório traz discussões de pesquisas-vida construídas através da escrita criativa autoral e ancoradas em práticas de Letramento Criativo em comunidades de aprendizagem. A coordenação é realizada pelo Grupo de Pesquisa da UnB GECRIA – Educação Crítica e Autoria Criativa (PPGL/UnB CNPq) que vem pesquisando e oferecendo formação inicial e continuada sobre o tema, ao longo dos últimos anos. Seguimos diálogos transdisciplinares e indisciplinados, no bojo dos estudos linguísticos/discursivos decoloniais e da educação, ancorado em práticas (auto)etnográficas discursivas e críticas, envolvendo a agenda de pesquisa sobre processos de escrita autoral, leitura crítica e de autoria criativa. Partimos da concepção de autoria criativa como um modo protagonista e crítico de ação consciente do sujeito escritor. Partimos dos debates sobre (i) agência, sob o viés dos estudos críticos de discurso (Bazerman, 2006; Possenti, 2002; Archer, 2003); (ii) escrita criativa autoral (Dias, Coroa e Lima, 2018) e (iii) protagonismo dos textos (Magalhães, 2017); e contribuições da pedagogia engajada e crítica (Freire, 1987, 1991, 1999; Giroux, 1995; hooks, 2013 e outras/os). Nossa contribuição para as comunidades científica e geral é promover reflexões discursivas, emoções e impulsos identitário-discursivos que levem a uma prática libertadora e transformadora do ser escritor/a e do ser humano em sua vida social.

### **Conversatório 11 - Pedagogias comunitárias ecofeministas: cuidado, cura e afeto para tecer outras educações e outros futuros**

Coordenação: Ana De Luca (Universidad Autónoma de Baja California, México), Meritxell Simon-Martin (Universidad de Lleida, Espanha), Damiana Campos (Instituto Rosa Sertão), Anelise Rizzolo (Nutrição-UnB), Juliana Rochet (UnB Planaltina)

Convidadas especiais: Emília Flores (Cooperativa Chiwik), Nubiã Tupinambá (Funai), Vanessa Cardozo Alarcón (Universidad Nacional Mayor de San Marco, Perus e Ceped | IRD | Université Paris Cité, França)



Este conversatório é um convite a refletir sobre o poder das pedagogias comunitárias e ecofeministas na educação. Tal como entendemos, as pedagogias ecofeministas incluem um pluriverso de práticas de cuidado comunitário, focadas no protagonismo, no saber-fazer e nas práticas narrativas de mulheres indígenas, quilombolas, afroindígenas e camponesas. As pedagogias ecofeministas surgem como um apelo apaixonado à educação para a vida na sua expressão mais ampla, abrangendo não só a esfera humana, mas também a rede de todos os seres vivos que habitam este mundo, focalizando os cuidados e as relações baseadas na ternura. Estas pedagogias ecofeministas, que são essencialmente críticas, desafiam e revolucionam noções “normalizadas” sobre o gênero, a natureza e o humano, abrindo caminho para novas formas de compreendermos e habitarmos o mundo. Assim, as pedagogias ecofeministas convocam-nos a sermos co-movidas, a rompermos os fundamentos mais essenciais da desigualdade e da violência para agirmos coletivamente, tecendo futuros cheios de esperança. Convidamos você a se juntar a nós com relatos de experiências, resultados de pesquisas, ensaios teóricos, textos literários, poesias, vídeos, ensaios fotográficos, para que a diversidade de sentipensares e práticas estejam presentes neste espaço de reflexão coletiva.

### **Conversatório 12 - Educação Decolonial e o Ensino de Ciências Naturais e Matemática**

Coordenação: Ramon de Oliveira Santana (UEA | Gpdes/UnB e Coletivo Educação Científica Decolonial), Luiz Carlos Jafelice (Coletivo Educação Científica Decolonial), Leandro de Oliveira Kerber (UESC e Coletivo Educação Científica Decolonial), Jader Castro (UFG e Gpdes/UnB), Joaquina Barboza Malheiros (UNIFAP-Ilha das Cinzas | Gepes/UFRPE e Coletivo Educação Científica Decolonial), Ravenna Horana Alves da Silva (Kilombo Kalabasa | GPECM-CTS | Coletivo Educação Científica Decolonial), Natália Amarinho (UFMG - Rede da Universidade das Crianças e Coletivo Educação Científica Decolonial).  
Convidado especial: Juami Aquino (Comunidade Kalunga Vão do Moleque)

Caras/os companheiras/os dessa nossa grande viagem cósmica, principalmente vocês que tiveram suas vidas transfiguradas por formações disciplinares em Química, Física, Biologia, Matemática e Engenharias, este conversatório tem por objetivo criar um espaço de diálogo e de troca de experiências sobre práticas educativas entrelaçando ensino de ciências naturais/matemática e decolonialidade na educação básica. Essas práticas têm sido propostas e experimentadas no chão da sala de aula; elas ainda são poucas e pontuais, mas evidenciam crescimento de publicações nos últimos anos – e.g., Fleuri (2014); Jafelice (2015); Prescod-Weinstein




(2017); Silva (2018); Castro e Monteiro (2019); Monteiro et al. (2019); Rodrigues, von Linsingen e Cassiani (2020); Alves-Brito (2021); Nunes, Giraldo e Cassiani (2021); Rosa (2022); Santana et al. (2022); Jafelice (2023). As ciências naturais e a matemática e seus ensinamentos têm sido fontes de colonialidade em nós (Jafelice, 2023). Há contradições manifestas no desenvolvimento de uma educação científica decolonial que possa contribuir, inclusive ela, para uma vivência da decolonialidade. Neste conversatório, queremos convidá-las(os) para um compartilhamento de experiências pedagógicas e reflexões sobre a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, visando a inclusão das ciências naturais e da matemática. Serão aceitas comunicações como relatos de experiências, ensaios teóricos e resultados de pesquisa, nos mais diversos formatos.

### **Conversatório 13 - O bem comum como princípio de ação política dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais**

Organização: Rosirene Lima (UEMA), Alex Fiuza (Gpdes-UnB e ICMBIO), Hueliton Azevedo (UFSC e Ilha do Capim Abaetetuba-PA), Roberto Goulart Menezes (IREL-UnB), Ana Laíde Barbosa (Movimento Xingu Vivo | Gpdes e Mespt-UnB) e Jorg Nowak (IREL-UnB).

Convidadas/os especiais: Deyvson Azevedo (Ilha do Capim, Abaetetuba-PA), Maria Nice Costa Machado (Comunidade Quilombola Penalva-MA, Odelina Ferraz (Comunidade do Maracanã, São Luis-MA), Gabriela del Rosário (Mespt-UnB) e Joaquim Shiraishi (UFMA)

O neoliberalismo tem como principal fundamento a mercantilização de todas as esferas da vida e a destruição do comum: privatização da natureza e da herança da humanidade produzida socialmente (cuidado, afetos, solidariedade, reciprocidade). No entanto, as experiências locais, como as vividas pelos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, enfrentam as ameaças a sua existência física e cultural, reafirmando o seu modo de viver e denunciando a perversidade dessa lógica econômica. O comum, fundamento que tece a convivência desses grupos sociais entre si e com a natureza, evidencia uma potência criativa e transformadora em curso. Com base em situações empíricas, relacionadas às maneiras de viver dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, este conversatório objetiva reunir pesquisadoras/es, estudantes da graduação e da pós-graduação, lideranças e intelectualidades de povos e comunidades tradicionais, militantes de movimentos sociais e demais profissionais que atuam nesse campo para refletir sobre duas práticas relacionadas ao comunal. A primeira delas evidencia a capacidade das comunidades em conciliar produção econômica, conservação ecológica e responsabilidade socioambiental. A segunda engloba as diferentes experiências e formas de resistência em defesa dos comunais. Por isso, busca-se olhar para os processos através dos



quais os modos de vida comunais são assumidos como projetos divergentes e contestadores em relação ao modelo neoliberal e colonial.

### **11h Sessão Partilha dos Conversatórios**

Todos os conversatórios do período matutino. Este momento prevê o compartilhamento das discussões realizadas nos conversatórios do período vespertino, trazendo uma compreensão abrangente dos temas tratados.

### **12h30 ALMOÇO**

### **14h-17h SESSÃO TALLER - CONHECIMENTO NA PRÁTICA**

#### **Conhecimento na prática - Sessão 1 - Alternativas viáveis para a implementação da Lei 11.645/2008 a partir do protagonismo indígena**

Coordenação: Lauriene Seraguza (UFGD e Faind), Eliel Benites Kaiowá, (UFGD e Faind) e Izaque João Kaiowá (USP)

Convidados especiais: Ramon Tupinambá (Cacique do Povo Tupinambá)

Os objetivos desta oficina são: a) aprofundar a compreensão da Lei 11.645/2008; b) problematizar sua implementação nos sistemas de educação brasileiros; e, principalmente, c) contribuir de forma mais efetiva com a construção colaborativa de alternativas concretas para sua aplicação nas escolas. Nesta direção, assume como condição fundamental o protagonismo indígena e a centralidade de suas lutas contemporâneas, visando a relações interculturais antirracistas e não violentas. Para isso, buscará apresentar uma visão panorâmica da diversidade cultural e linguística das populações indígenas brasileiras e de suas principais demandas, com especial ênfase nas lutas pelo direito originário pelo território, concebido não apenas como um espaço físico, mas como o espaço de conexão com o cosmos, com o sagrado e com a ancestralidade. Como recursos para essa construção coletiva, serão apresentadas experiências de autorias indígenas em diferentes formas de produção artística e intelectual, como a música, a literatura, o audiovisual e pesquisas acadêmicas que, acreditamos, sejam materiais didáticos imprescindíveis e acessíveis como recursos epistemológicos e pedagógicos para o trabalho docente.

#### **Conhecimento na prática - Sessão 2 - Dialogicidades epistemológicas: múltiplas vozes criativas em correspondência**

Coordenação: Meritxell Simón-Martín (Universidad de Lleida, Espanha), Sabrina Stein (Gpdes-UnB), Cássia Elen Nunes de Almeida



(Gpdes-UnB)

A epistolaridade é definida pela projeção autobiográfica do “eu” em diálogo com uma audiência. Serve para se comunicar em circunstâncias de ausência e transmite sentimentos, impressões, pensamentos, projetos, realidades subjetivas e verdades situadas. Os diálogos resultantes têm o potencial de fomentar produções coletivas de conhecimento. Esta oficina propõe produzir epistemologias dialógicas em prol de sociedades mais justas e inclusivas (decoloniais, antipatriarcais e antirracistas), tecidas pelos participantes – escritoras e escritores de cartas. O objetivo é se servir do potencial da epistolaridade para romper com os silêncios dos sujeitos subalternizados – com frequência projetados como objetos de estudo e de discursos normativos e assim excluídos. Tem uma carta que sempre quis escrever e que nunca enviou? E uma carta dirigida a alguém em particular? A uma pessoa anônima? A si mesmo? E uma carta de amor? De raiva? De duelo? De esperança? Compartilhe-a conosco! O método da oficina será composto por 3 partes, que envolverão (1) “ler” uma carta aos participantes da oficina, (2) responder pelo menos uma carta, e (3) produzir uma representação artística da epistemologia dialógica resultante. As/os participantes são convidadas/os a “escrever” uma carta com antecedência. Pode ser escrita, cantada, performada, teatralizada, pintada num suporte/no corpo, esculpida etc. Pode também ter o formato de um ritual, de uma sessão de meditação, de um contato sensorial, de uma biodança, e mesmo de uma improvisação in situ! Qualquer suporte criativo é possível, desde quando veicule as características da epistolaridade. Essas cartas vão ser “lidas” – compartilhadas – com a audiência participante, quem terá que responder e posteriormente “ler” pelo menos a uma delas, em qualquer suporte que permita concretar a epistolaridade. Para tanto, as/os participantes podem vir com qualquer material que precisem, tanto para “ler” quanto para responder às cartas. Os conhecimentos epistolares resultantes serão repensados e representados pela artista Morgana Barbosa em favor duma epistemologia dialógica em prol do antirracismo, dos feminismos, e das decolonialidades – uma colagem artística feita das epistolaridades expressadas e respondidas pelas/pelos participantes da oficina.

### **Conhecimento na prática - Sessão 3 - Audiovisual e Narrativas Antirracistas: memórias e criatividade para o fortalecimento da autoria docente**

Coordenação: Janaína Melques Fernandes (SEDUC-Santos-SP e UNIMES-SP), Day Rodrigues (Escola da Cidade-SP e Produtora Duas Rainhas), Rafaela Camargo dos Santos (UNIMES-SP), Tatiana Rosa (Sedu-PMS e PRoPEd-UERJ)



A oficina propõe o diálogo entre produções audiovisuais antirracistas e as memórias das/dos participantes como recurso para reflexão crítica e o fortalecimento da autoria docente diante do contexto das leis 10.639/03 e 11.645/08. Entende-se que não há prática pedagógica antirracista sem o olhar e a escuta cuidadosa sobre processos de formação vividos por educadoras/es. A partir das diferentes narrativas que se apresentam na oficina, pretende-se produzir um projeto audiovisual coletivo que busque contribuir para a abertura de caminhos criativos para a formação docente antirracista.


### **Conhecimento na prática - Sessão 4 - O ver, o sentir e o pensar quilombola: material didático e nossas especificidades**

Coordenação: Romero Antonio de Almeida Silva (Coletivo de Educação da CONAQ | Gpdes-UnB | SEE Pernambuco e FADIMAB-PE); Fabiana Vencezlau (AQCC | CONAQ e UFRGS), John Cleber Santiago (Movimento da Juventude Quilombola do Território de Jambuaçu | Gpdes-UnB e PPGED-UEPA), Silvana Ferreira (CECAF | SEDUCOPA e PPGE-UEPA)

"Historicamente nós não nos víamos nos livros, apesar de ter começado a mudar um pouco. Acontece que desde sempre isso nos foi negado. Negaram nossa história, nossa cara, nossa beleza". (Princípios da Educação Quilombola) O material didático, à luz da questão quilombola, é um desafio para vivências das práticas pedagógicas no contexto quilombola. Após 10 anos da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na educação básica, a partir da Resolução nº 08/2012 do Conselho Nacional de Educação, a Educação Escolar Quilombola (EEQ) enfrenta o desafio de ter material didático pouco adequado. A luta por esses materiais na perspectiva da EEQ parte de produções de professoras/es, estudantes e comunidade. Nesse intuito, a oficina tem como objetivo debater sobre a necessidade de materiais didáticos adequados para a EEQ. Isso será feito a partir de: (1) diálogo sobre a importância de materiais didáticos para EEQ; (2) apresentação de materiais produzidos por professoras/es quilombolas e não quilombolas; (3) e, por fim, por meio de um exercício colaborativo de produção de materiais didáticos pelos participantes da oficina. "É importante que seja escrito e ilustrado por nós, pois nós temos a sensibilidade suficiente para dizer quem somos e qual é a nossa história" (Princípios da Educação Quilombola).

### **Conhecimento na prática - Sessão 5 - Teatro do Oprimido para e com crianças**

Coordenação: Luciana Hartmann (PPGCEN | Imagens e(m) Cena-UnB, Rede Infâncias Protagonistas), Ana Carolina de Sousa Castro (Imagens e(m) Cena-UnB e SEED-DF), Ana Luiza Ramos da Silva (Iniciação Científica-CEN | IdA-UnB)



Convidada especial: Débora Silva de Azevedo (Imagens e(m) Cena-UnB e Ministério da Cultura)

O Teatro do Oprimido (T.O.) é um método teatral desenvolvido e sistematizado por Augusto Boal, que objetiva um teatro para, com e sobre os oprimidos. Nesta oficina prática experimentaremos alguns jogos de T.O. a fim de instigar reflexões sobre o momento em que vivemos e estratégias de ação em sala de aula a partir da prática teatral.

### **Conhecimento na prática - Sessão 6 - Cura e Saberes com ervas sagradas**

Coordenação: Nubiã Tupinambá (Funai), Nádia Akawã Tupinambá (Coletivo dos Professores Indígenas Tupinambá de Olivença-TI Aldeia Tukum) Paula Fernandes Neves (Gpdes-UnB e UFG), Mirim Ju Guarani (Conselho Indígena do DF | TERRES | Geografia-UnB e AAIUnB), Eulálio Apurinã (Mespt-UnB)

A oficina está inspirada na vivência intercultural e na perspectiva da educação libertadora/decolonial, dialogando com os saberes ancestrais indígenas e com a visão antropológica da existência: o humano e suas relações com o Cosmo. A atividade busca evocar as memórias e conhecimentos de cura a partir da (re)conexão com a natureza que nos constitui, e com a qual coabitamos, estimulando processos de co-construção de novos saberes sanadores.

### **17h Território Cultural Negro Bispo: espaço pedagógico-formativo em arte**

Apresentações artísticas-culturais

### **17h30 Sessão Narrativas em diálogo 4: Tema: Imaginar-construir uma sociedade antirracista: perspectivas indígenas e afrodiaspóricas**

Geri Augusto

[Brown University, Estados Unidos]

Rosilene Tuxá

[Universidade Federal do Amapá | Secadi-Dipeei-MEC, Brasil]

Givânia Maria da Silva

[Coletivo de Educação da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos - CONAQ, Brasil]

Facilitação: Billy Malachias

[Geopo-USP | CEERT, Brasil]



## 8 DE DEZEMBRO

### 8h-11h SESSÃO TALLER - CONHECIMENTO NA PRÁTICA

#### **Conhecimento na prática - Sessão 7 - História da África a partir do protagonismo feminino**

Coordenação: Mariana Bracks Fonseca (UFS), Saulo Pequeno (Gpdes-UnB, Uniceub), Daniela Barros (Gpdes-UnB e UniCEUB), Omar Sarr Badji ((Bùbajum Áyyi D'Oussouye, Senegal), Mestra Janja (Instituto Nzinga de Capoeira Angola, Salvador-BA)

A História da África é repleta de rainhas, sacerdotisas, lideranças militares femininas. Desde a Antiguidade, as mulheres se destacam na condução dos assuntos públicos e compõem os centros de decisões políticas. Por todo o continente africano, encontram-se formas de “matriarcado”, conforme conceituou Cheikh Anta Diop em “Unidade Cultural da África Negra”, que evidenciam como o feminino compunha a concepção de poder. Contudo, no imaginário social ocidental, as mulheres negras são associadas à opressão, domínio e subjugação machista. O objetivo desta oficina é apresentar histórias de mulheres africanas que rompem este olhar colonizado e infundado. A partir de mitologias, cantos, provérbios, artes, danças, discutiremos como as mulheres são reverenciadas e ocupam a centralidade nas sociedades africanas pré-coloniais. Refletiremos sobre instituições políticas (como a de rainha-mãe) e as transformações advindas com o colonialismo, bem como formas de resistência e associações empreendidas por mulheres negras ao longo dos séculos em África e também na Diáspora. Propomos uma abordagem de longa duração direcionada para o ensino de História de África.

#### **Conhecimento na prática - Sessão 8 - Prática indígena mesoamericana de educação e cura**

Coordenação: Mariana Solorzano (Universidad Autónoma Comunal-México) e Beatriz González Pedro (Universidad Autónoma Comunal- México)

Os banhos de flores fazem parte de uma prática ritual da espiritualidade da nossa identidade zapoteca; avós, mães e netas receberam esse saber através da memória oral. Da intimidade e profundo respeito ao sagrado, fazem parte de nossas práticas de cura multiculturais. Enquadrados no contexto da comunalidade, os banhos de flores respondem a uma lógica não hegemônica que pertence também ao ramo da prevenção integral da saúde. No contexto da nossa visão de mundo, as flores são um bálsamo para a vida; e na cura se alcança e se demonstra a interdependência dos seres vivos que compõem um determinado contexto. Assim a relação com a





natureza expõe a vida dependente de um ser com respeito ao natural que o envolve. Essa prática de cura natural mostra uma forma de entender a vida, dá sentido e força aos banhos de flores, razão pela qual essas práticas não podem ser compreendidas sem a compreensão do contexto comunitário, baseado nos princípios e valores de respeito, trabalho e reciprocidade. Parte desses princípios são a base de nossa cultura: o território, as pessoas, os seres que o acompanham, o trabalho e a festa, como pilares que sustentam o pensamento comunal, no qual estão imersas as práticas da medicina tradicional zapoteca. Nessa relação também vinculamos o forte potencial e o lugar que a educação tem, bem como os sistemas de aprendizagem imersos em nossas instituições e daí o valor de incorporar essas práticas rituais de banhos de flores.

### **Conhecimento na prática - Sessão 9 - Elaborando propostas pedagógicas articuladas ao ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena**


Coordenação: Atauan Queiroz (Gecria-UnB e IFBA), Carolina Soares Mendes (Gpdes-UnB e IFB), Janaína Melques Fernandes (SEDUC-Santos-SP e UNIMES-SP), Jaqueline Coêlho (IFB), Rafaela Camargo (UNIMES-SP), Rafael Batista Sousa (IFB)

A oficina tem por objetivo realizar reflexão e subsidiar caminhos e estratégias para a elaboração de propostas pedagógicas alinhadas às leis 10.639/03 e 11.645/08. Após discussão inicial, as/os participantes poderão compartilhar materiais que tenham criado e vivenciado em sua realidade (ex: jogos, produções artísticas, atividades de texto etc.) e experimentar coletivamente construir propostas pedagógicas alinhadas com o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Espera-se que ao término da oficina as/os participantes sintam-se mais preparadas/os para criar e implementar suas próprias propostas pedagógicas no dia a dia das escolas, fomentando sua autonomia para tanto e ampliando a materialização do ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

### **Conhecimento na prática - Sessão 10 - Do léxico à práxis cotidiana: saberes e fazeres etnocenológicos para uma percepção de linguagem decolonialista**

Coordenação: Graça Veloso (PPGCEN | Afeto | IdA-UnB), Ivana Delfino (PPGCEN | Afeto | IdA-UnB) e Adailson Costa (PPGCEN | Afeto | IdA-UnB)

A oficina tem como objetivo confrontar as práticas lexicais hegemônicas a seus contrapontos decolonialistas e de desnaturalização de estruturas de subalternização de grupos e de cada pessoa, individualmente. Se dará a partir de um contato inicial de cada pessoa com sua trajetória e com os léxicos naturalizados como universais nas relações de subalternização, principalmente nas



relações cotidianas. Num segundo momento, as pessoas serão convidadas a poetizar, em confrontos entre grupos distintos, por música, poesias ou outra forma que escolherem, os léxicos subalternizantes e os seus antagônicos, decolonializantes. Ao final, será feita uma roda de conversa avaliativa.

### **Conhecimento na prática - Sessão 11 - Percussão Africana: aportes estéticos para uma educação antirracista**

Coordenação: Sherwin Conrad Morris (Instituto Cultural Congo Nya - ICCN) e Marcolina de Oliveira Ribeiro (Margot) (Instituto Cultural Congo Nya - ICCN),

A oficina busca ensinar noções básicas de musicalização, ritmos, pulso e compassos da percussão africana. Tendo como horizonte o compartilhamento de experiências, a oficina também propõe uma reflexão crítica sobre a cultura afro-brasileira e as conquistas do povo negro, indicando suas contribuições para a educação antirracista. O Congo Nya (ICCN) é uma Organização Não Governamental (ONG) que possui caráter sociocultural e educativo e atua na cidade de São Sebastião desde 2003. Nesse espaço são desenvolvidos projetos e atividades nas áreas de educação, artes e esportes para a valorização da cultura afro-brasileira, voltados para crianças, adolescentes, jovens e adultos. Observação: recomenda-se que, preferencialmente, os participantes levem seus tambores.

Consultar:

Congo Nya: <https://icongonya.wixsite.com/congonya>

Rasta In Guyana <https://www.youtube.com/watch?v=zddGz9wfE7g>

Mamady Keïta - Kuku <https://www.youtube.com/watch?v=A3o30YJiWsc>

Olodum Salvador Bahia

<https://www.youtube.com/watch?v=A3o30YJiWsc>

### **Território Cultural Nego Bispo: espaço pedagógico-formativo em arte**

Atividade Integradora

#### **11h Assembleia do IV Narrativas**

Avaliação do Evento

Encaminhamentos para o V Narrativas


Leitura e aprovação da Carta do IV Narrativas

#### **12h30 ALMOÇO**

#### **14h-17h SESSÃO TALLER - CONHECIMENTO NA PRÁTICA**

### **Conhecimento na prática - Sessão 12 - Siuasentekipacholis: Bordando cuidados para a criação de outros mundos**

Coordenação: Intelectual Indígena Masehual Emilia Flores Martínez



(Cooperativa de Artesãs Chiwik, México), Ana De Luca (Universidad Autónoma de Baja California, México)

Esta oficina tem como propósito principal gerar condições que permitam a seus participantes compartilhar experiências de vida mediante o bordado ancestral das mulheres artesãs mahseuales do México. A palavra “siuasentekipacholis” faz alusão ao trabalho e cuidado coletivo entre mulheres. Este conceito tem sido utilizado para referir-se ao trabalho realizado na cooperativa Chiwik, localizada no povoado de Hueyapan, na Serra Norte de Puebla, México. Esta oficina é um convite a conhecer alguns pontos e desenhos ancestrais como experiência coletiva de compartilhamento de vida, tecendo palavras e fios sobre nossas vivências vinculadas à descolonização, aos cuidados e autonomias coletivas. Com a entrega de materiais aos participantes, formaremos círculos de escuta e palavra reflexiva, construindo narrativas sensíveis, orientadas também à criação de outros mundos relacionais. Entre os frutos pedagógicos desta oficina estariam a aprendizagem da escuta e palavra atentas, os conhecimentos vinculados à cultura mahseual e a potência do bordado coletivo como experiência que nos conecta e fomenta aberturas onto-epistêmicas.

### **Conhecimento na prática - Sessão 13 - Estações criativas de escrita e autoria - Gecria-UnB**

Coordenação: Juliana Dias (PPGL | Gecria-UnB), Brenda Gonçalves (Gecria-UnB), Lorena Eufrazio (Gecria-UnB), Gabriela Serralvo (Gecria-UnB) e Kaio de Sousa (Gecria-UnB)

Convidadas especiais: Camila Moreira (Gecria-UnB) e Paula Gomes (PPGL | Gecria-UnB), Ellys Alves (Consteladora Sistêmica, Contoterapeuta), Caroline Vilhena (PPGL | Gecria-UnBa), Kelma Nascimento (Gecria-UnB).


A partir da escrita criativa autoral, propomos estações concomitantes de escrita em torno dos seguintes eixos temáticos: escrita sistêmica; escrita e colagem; escrita de cartas e escritas sobre perdas e lutos. Partiremos de dinâmicas de escrita no eixo metodológico impulso-intuição-pulsção, com foco nas materialidades discursivas e artísticas, através de uma escrita que passa pelo corpo e por movimentos ativos. Nossa concepção de autoria criativa dialoga com um modo protagonista e crítico de ser, sentir, agir no mundo. Estamos ancoradas em práticas reflexivas autorais e engajadas, comprometidas com a construção e partilha de comunidades de aprendizagem (hooks, 2013) e de mudança (Dias; Ribeiro, 2021). A proposta geral é inspirar práticas criativas a partir de dinâmicas vinculadas a impulsos identitário-discursivos que levem a uma prática libertadora e transformadora do ser escritor/a e do ser humano em sua trajetória educacional e existencial.



## Conhecimento na prática - Sessão 14 - Ensinando Ciências Naturais, Matemática e Engenharias com uma Prática Pedagógica Decolonial

Coordenação: Ramon de Oliveira Santana (UEA | Gpdes/UnB e Coletivo Educação Científica Decolonial), Luiz Carlos Jafelice (Coletivo Educação Científica Decolonial), Leandro de Oliveira Kerber (UESC e Coletivo Educação Científica Decolonial), Jader Castro (UFG e Gpdes/UnB), Joaquina Barboza Malheiros (UNIFAP-Ilha das Cinzas | Gepes/UFRPE e Coletivo Educação Científica Decolonial), Ravenna Horana Alves da Silva (Kilombo Kalabasa | GPECM-CTS | Coletivo Educação Científica Decolonial), Natália Amarinho (UFMG - Rede da Universidade das Crianças e Coletivo Educação Científica Decolonial)  
Convidado especial: Juami Aquino (Comunidade Kalunga Vão do Moleque)

Queremos convidar as/os professoras/es de Ciências Naturais, Matemática e Engenharias para uma conversa sobre saberes possíveis para as nossas aulas de ciências naturais e matemática. Num primeiro momento, nossa discussão vai trazer ponderações que colaboram com os cuidados necessários, escolhas epistêmicas e ontológicas cruciais para se trabalhar com o diálogo entre os saberes tradicionais e científicos na educação em ciências e em matemática. Também vamos trazer práticas que temos realizado nessa perspectiva e discutir os resultados observados (Santana et al., 2022; Jafelice, 2023; Kerber e Soares, 2023). As intersecções que construiremos juntos apontam caminhos possíveis e fundamentais para fortalecer a construção de práticas pedagógicas transformadoras que valorizam todas as pessoas e formas de conhecimento envolvidas e contribuem diretamente para o fortalecimento das lutas locais, evitando, com isso, a expropriação de conhecimentos, marginalização das pessoas envolvidas e hierarquização de conhecimentos. Num segundo momento, aprofundaremos a questão “como nos descolonizarmos?”, através de práticas corporais e de sensibilização diversas, envolvendo: conscientização corporal e de movimentos e expressividades associadas (Laban, 1978; Duschenes, 1975, 1979; Feldenkrais, 1977; Alexander, 1991), exploração de repertórios de movimentos de matrizes culturais que são nossos, mas permanecem inconscientes (Duschenes, 1975, 1979), práticas meditativas xamânicas (Ruiz, 2022) e outras (Krenak, 2022). A desconstrução em nosso corpo-mente, tanto de armaduras ou couraças musculares, como de vícios de percepção e de circuitos viciosos de pensamentos, sentimentos e emoções, é processo necessário para nosso discernimento do descarte que precisamos empreender, individual e coletivamente, daquilo que a colonialidade vai acumulando em nós culturalmente e através da educação familiar e escolar. Neste segundo momento, brincaremos com essas questões tão centrais para a tentativa de desconstruirmos



a colonialidade em nós e, se possível, até mesmo através do ensino de conteúdos tão colonizadores e epistemicidas quanto aqueles das ciências naturais e da matemática (Jafelice, 2023).

### **Conhecimento na prática - Sessão 15 - Semillas Encantadas: uma experiência de desescolarização e prática decolonial com as Trilhas Investigativas Próprias das Infâncias (TIPI)**

Coordenação: Fátima Vidal (Faculdade de Educação | Semillero Brasil-UnB e RedBraSI), Gabriel Araújo (Espaço Azul Turquesa), Ludmila Galdino (Semillero Brasil-UnB e RedBraSI), Sabrina Fonseca (Semillero Brasil-UnB e RedBraSI), Alana Ribeiro (Semillero Brasil-UnB e RedBraSI), Eneida Lipai (Semillero Brasil-UnB e RedBraSI), Gabriela Moura (Semillero Brasil-UnB e RedBraSI) e Mercedes Alessandra Miñano Espinola (Semillero Brasil).

Convidada especial: Ariane Silva (Escola da Árvore)

Essa sessão é endereçada às crianças. Propomos uma vivência por meio do desenvolvimento da metodologia Trilhas Investigativas Próprias das Infâncias, que vem sendo construída na atuação prática realizada com escolas e espaços não-escolares, em várias regiões do Brasil. Uma reflexão teórica alicerçada em Freire (2013), Walsh (2007), Palermo (2019), Calvo (2013) e Liebel (2007) com o objetivo de proporcionar vivências de investigação individual e/ou coletiva a partir dos interesses das crianças. A intenção é estimular as crianças a aprenderem de maneira autônoma, alegre e transformadora por meio de uma pedagogia da pergunta que dialoga com temáticas interseccionais, anticapacitistas, decoloniais e antirracistas. A investigação própria das crianças é feita sempre a várias mãos e dela deriva uma aprendizagem com mais significado, baseada em descobertas, na qual a presença dos adultos se dá na coinvestigação. Metodologicamente, propomos uma trilha inovadora que é constituída por caminhos de planejamento, conhecimento e estudo; prática pedagógica; entrega e avaliação, em um processo reflexivo, interdisciplinar e participativo. Esperamos que as crianças possam construir esse movimento de aprendizagem e ensino colaborativo, vivendo uma pequena experiência, mais inclusiva e alegre. Essa ação estará vinculada à Rede Brasileira de Semilleros de Investigação (RedBraSI) e à Red Latinoamericana de Niños y Niñas Investigadores (RedLain).

### **Conhecimento na Prática - Sessão 16 - Literatura e antirracismo: letramento racial via letramento literário**

Coordenação: Rafael Sousa (IFB) e Kamuu Dan Wapichana (Associação Cultural Manuru Paunary)

Convidadas/os especiais: Nôra Pimentel (Associação Cultural Manuru Paunary) e Wyn Dan Wapichana (Associação Cultural Manuru Paunary)

A oficina aborda o papel pedagógico que a literatura pode desempenhar na produção de imaginários antirracistas. Busca-se divulgar e valorizar a produção literária indígena e afrodiaspórica, bem como refletir acerca de usos educacionais da literatura como possibilidade pedagógica difusora de representações positivas acerca da população afro-brasileiros e dos povos indígenas. No caminho, discutiremos o papel da literatura no conhecimento subjetivo do mundo e desenvolveremos propostas para promover letramento literário antirracista.

**17h Território Negro Bispo: espaço pedagógico-formativo em arte**  
Mística de encerramento - Ciranda  
Apresentações artísticas-culturais

Realização



Financiamento

